



Jornalismo Narrativo: Qual o papel deste género jornalístico em Portugal

Narrative Journalism: What is the role of this journalistic genre in Portugal

Projeto de Graduação

Ciências da Comunicação, 1ºCiclo

Vítor Fernando Vieira de Carvalho

Orientador:

Doutor Renato Essenfelder Abrahão Filho

Setembro 2025

Jornalismo Narrativo: Qual o papel deste género jornalístico em Portugal

Narrative Journalism: What is the role of this journalistic genre in Portugal

Projeto de Graduação

Ciências da Comunicação, 1º Ciclo

Vítor Fernando Vieira de Carvalho

Orientador:

Doutor Renato Essenfelder Abrahão Filho

Setembro 2025

Agradecimentos

À Universidade Fernando Pessoa.

Ao meu orientador Professor Renato Essenfelder por toda a disponibilidade, ensinamentos e aconselhamentos.

À jornalista Marta Moreira, pela entrevista que enriqueceu significativamente este projeto.

À minha família, pela compreensão e pelo incentivo constante.

Aos meus amigos, em especial ao Bruno Almeida que desempenhou um papel fundamental nesta trajetória.

Resumo

Este projeto de graduação tem como objetivo analisar o jornalismo narrativo, de maneira que possamos compreender a sua definição e aprofundar este género jornalístico no panorama mediático português atual. Considerando que este género alia rigor informativo e técnicas narrativas, constitui uma abordagem distinta na forma como comunica, proporcionando ao leitor uma experiência mais reflexiva. O trabalho combina uma revisão teórica sobre alguns conceitos com uma dimensão prática, através de uma entrevista à jornalista Marta Moreira. A sua visão crítica permite refletir sobre a forma como este género ainda encontra espaço em Portugal, assim como sobre os desafios que enfrenta num tempo dominado pela rapidez de informação, ainda que habitualmente não pratique jornalismo narrativo. No decurso desta investigação, pretende-se demonstrar que o jornalismo narrativo, mesmo não estando muito presente nos meios tradicionais, continua a ter um papel relevante, seja em grandes reportagens, projetos independentes ou até mesmo formatos multimédia que permeiam o storytelling. Este género de jornalismo mantém a sua importância, ainda que apenas para nos ajudar a compreender o mundo através das histórias.

Palavras-chave: Jornalismo narrativo, storytelling, Portugal, entrevista

Abstract

This graduation project aims to analyze narrative journalism, in order to understand its definition and explore this journalistic genre within the current Portuguese media landscape. Since this genre combines informational rigor with narrative techniques, it represents a distinctive approach to communication, offering readers a more reflective experience. The work combines a theoretical review of key concepts with a practical dimension, through an interview with journalist Marta Moreira. Her critical perspective makes it possible to reflect on how this genre still finds space in Portugal, as well as on the challenges it faces in a time dominated by the speed of information, even though she does not usually practice narrative journalism. Throughout this research, the aim is to demonstrate that narrative journalism, even if not widely present in traditional media, continues to play a relevant role—whether in long-form reporting, independent projects, or even multimedia formats that embrace storytelling. This genre of journalism maintains its importance, if only by helping us to better understand the world through stories.

Keywords: Narrative journalism, storytelling, Portugal, interview

Índice Geral

Introdução.....	1
Capítulo 1 – O Jornalismo desportivo “O que realmente é”.....	5
1.1 - Origem e evolução do jornalismo narrativo.....	5
1.2 - Diferença entre jornalismo narrativo, novo jornalismo e reportagem tradicional.....	7
1.3 - Características principais: profundidade, personagens, enredo, cenário e tempo narrativo.....	9
1.4 - A relevância do jornalismo contemporâneo: storytelling e novos formatos digitais.....	11
1.5 - Limites e desafios: objetividade, ética, tempo de produção, viabilidade económica.....	13
1.6 - Referências e Autores: Tom Wolf, Gay Talese, Alexandra Lucas Coelho, Jon Lee Anderson e Kapka Kassabova.....	13
Capítulo 2 – Metodologia.....	17
2.1 - Tipo de investigação.....	17
2.2 - Justificação da metodologia.....	18
2.3 - Descrição da entrevista.....	19
2.4 - Guião de perguntas.....	20
Capítulo 3 – O “Segredo” dos clubes e a reinvenção do jornalista desportivo.....	23
3.1 - Entrevista a Marta Moreira.....	23
3.2 - Relação das respostas com enquadramento teórico.....	29
3.3 - Observações sobre tendências e práticas atuais do jornalismo narrativo em Portugal.....	31
3.4 - Papel e impacto social percebido.....	33
Capítulo 4 - O papel do jornalismo narrativo em Portugal atualmente.....	35
Capítulo 5 - Conclusão.....	37
Referências Bibliográficas	

Introdução

O jornalismo, desde a sua existência, sofreu inúmeras alterações, mudando não só a forma como a informação era produzida, mas essencialmente a maneira com era consumida. Atualmente, numa época em que as notícias digitais alcançaram uma velocidade vertiginosa e pelo consumo célere de conteúdos, podemos afirmar que os profissionais da área tendem a enfrentar o desafio de prender a atenção do público, sem que com isso, mantenham o rigor e a profundidade. E é nesta conjuntura que o jornalismo narrativo surge como alternativa relevante.

O jornalismo narrativo, também designado por literário, distingue-se fundamentalmente pela utilização de técnicas de escrita literária na elaboração de textos jornalísticos. Além de apresentar factos de forma direta, a intenção é criar narrativas envolventes, de forma a conciliar análise e precisão com uma dimensão afetiva e estética. Este género tem como resultado de ir para além da mera transmissão de dados, ou seja, os acontecimentos são inseridos num enredo mais abrangente, contextualizando e dando voz à experiência humana.

A origem do jornalismo narrativo remonta ao New Journalism norte-americano, surgiu na década de 1960, como uma forma de reportagem que incorporava técnicas literárias. Jornalistas como Tom Wolfe, Truman Capote romperam com as convenções tradicionais ao utilizar descrições minuciosas, diferentes pontos de vista para narrar factos reais. Ao longo do tempo, esta abordagem foi alterada a diferentes contextos culturais, nomeadamente o português, onde temos alguns exemplos em revistas e mais recentemente nas plataformas digitais que apostam em narrativas mais envolventes.

O presente trabalho terá como foco analisar e o papel do jornalismo narrativo no contexto português atual. Para isso, organiza-se em quatro capítulos.

O Capítulo 1 irá abordar a origem e a evolução deste género, com exemplos nacionais e internacionais, realçando as diferenças da reportagem tradicional e identificando as suas principais características.

Já no capítulo 2, temos a metodologia, que nos mostra e descreve o desenho da investigação, fundamentado numa entrevista à jornalista Marta Moreira, cuja experiência se revelou especialmente pertinente.

O Capítulo 3 apresenta a análise e discussão dos resultados, relacionando a teoria com os testemunhos recolhidos e avaliando a relevância e o impacto do jornalismo narrativo em Portugal.

Por fim, o Capítulo 4 sintetiza os principais achados e reflete sobre as implicações futuras desta prática no país.

A escolha deste tema não é meramente académica, mas também pessoal e profissional. Como estudante de comunicação, sempre me interessou compreender formas de contar histórias que vão além da simples transmissão de dados e que estabelecem uma ligação emocional com o público.

Desde sempre, assistia e admirava as grandes reportagens, pela profundidade jornalística, e pela capacidade do jornalista esmiuçar todos os pormenores, para tornar o trabalho mais rico e emotivo.

Vejo neste tipo de jornalismo uma ponte entre aquilo que é a informação objetiva e a sensibilidade humana, uma consequência que torna as notícias não apenas lidas, mas vividas. Com este estudo, procurei aprofundar o meu conhecimento sobre esta abordagem e refletir sobre a sua pertinência no contexto português.

O jornalismo tradicional, que se caracteriza pela apuração rigorosa dos fatos, embora de forma breve, o jornalismo narrativo distingue-se na forma como constrói histórias verdadeiras e insondáveis, recorrendo a técnicas da narrativa literária sem abdicar da fidelidade à realidade.

Existem vários fatores que identificam este género, nomeadamente o detalhe, a construção de personagens reais, os diálogos e o ritmo narrativo aproximam o leitor dos acontecimentos, permitindo que a experiência seja mais profunda. Em Portugal, o recurso a este género jornalístico tem vindo a afirmar-se sobretudo em reportagens longas e projetos independentes, (Fumaça, redacção de jornalismo de investigação que publica trabalhos narrativos em áudio) revelando todo o seu potencial.

Por fim, a grande questão que orienta este estudo é: qual é o papel do jornalismo narrativo nos dias de hoje em Portugal? Realço três fatores que justificam a escolha desta questão. Primeiro, pela sua relevância académica, ao questionar a reflexão crítica sobre as práticas jornalísticas contemporâneas.

Em segundo lugar, pela sua importância social, uma vez que este género permite dar espaço a histórias e protagonistas muitas vezes invisíveis.

E, por último, pela sua pertinência profissional, pois abre caminhos para novas formas de exercer o jornalismo num período marcado pela crise de credibilidade.

Jornalismo Narrativo: Qual o papel deste género jornalístico em Portugal

Capítulo 1- O papel do jornalismo narrativo em Portugal

Capítulo 1.1- Origem e evolução do jornalismo narrativo

O jornalismo narrativo aparece da necessidade de contar histórias para além dos factos com pouca profundidade. A notícia tradicional foca-se essencialmente na objetividade e na rapidez, e então, houve jornalistas e escritores que sentiram que a realidade ficava mais completa quando se dava voz às emoções, aos detalhes do dia-a-dia e às vivências das pessoas.

O início do jornalismo narrativo deu-se no século XIX, e foi nessa altura que os jornais começaram a publicar grandes reportagens com forte componente literária. Um jornalista norte-americano, importante neste contexto foi Stephen Crane no final do século XIX já testava uma escrita mais sensorial, muito embora só no final do século XX este estilo ganhou mais força.

Na década de 1960 surge o chamado “New Journalism”, um movimento que rompeu com as regras estritas do jornalismo tradicional. Escritores como Truman Capote, com *A Sangue Frio* (1966), ou Tom Wolfe, com *The Electric Kool-Aid Acid Test* (1968), mostraram que era possível ligar factos com rigor a técnicas típicas da literatura, como a construção de personagens, diálogos e descrições minuciosamente detalhadas. A título de exemplo, temos um caso escrito por Capote, que durante anos investigou um crime real no Kansas e escreveu a história quase como um romance, mas sem nunca alterar dados.

Mais tarde, outros nomes internacionais consolidaram o género, como Gay Talese, autor de Frank Sinatra Has a Cold(1966), considerado um clássico do jornalismo narrativo. Estes exemplos marcaram um antes e um depois, e conseqüentemente influenciaram gerações de jornalistas em todo o mundo.

Em Portugal, a tradição do jornalismo narrativo desenvolveu-se mais lentamente, mas também deixou marcas profundas. Já nos anos 1960 e 70, alguns repórteres começaram a apostar em reportagens mais literárias, publicadas em revistas e suplementos culturais. Um dos nomes mais lembrados é Mário Crespo, que ao longo da sua carreira procurou sempre dar densidade humana às histórias que contava. José Rodrigues dos Santos, para além do papel televisivo, experimentou a fusão entre jornalismo e narrativa em vários trabalhos.

Nos últimos anos, revistas como a Grande Reportagem (fundada em 1984 e relançada em várias fases) tornaram-se um espaço privilegiado para este estilo. Jornalistas como Valdemar Cruz ou Adelino Gomes cultivaram reportagens que não se limitavam a informar, mas a transportar o leitor para dentro da cena.

Mais recentemente, o jornalismo narrativo tem encontrado lugar em projetos digitais e podcasts, como o Fumaça, que se dedica a longas investigações contadas de forma imersiva, quase cinematográfica.

O jornalismo narrativo representa uma ponte entre o rigor do jornalismo e a arte de contar histórias. Internacionalmente, ganhou força com o New Journalism nos anos 60; em Portugal, foi florescendo em revistas, suplementos e, hoje, também no espaço digital. O que o distingue é a preocupação em não apenas informar, mas fazer sentir: colocar o leitor dentro da história, como se estivesse a vivê-la.

Capítulo 1.2- Diferença entre jornalismo narrativo, novo jornalismo e reportagem tradicional

O jornalismo narrativo, o jornalismo literário e a reportagem tradicional partem todos da mesma base: contar factos reais de forma rigorosa, sendo a forma como o fazem é o que os distingue.

A reportagem tradicional é o formato mais conhecido por todos nós. O jornalista desloca-se ao terreno, recolhe testemunhos, junta dados e apresenta a informação de forma objetiva e direta. A prioridade é a clareza, responde às perguntas básicas — quem, o quê, quando, onde, como e porquê. Não há muito espaço para floreios; o foco é dar ao leitor o essencial da notícia.

Já o jornalismo narrativo vai para além disso, tem como principal objetivo, não apenas dizer o que aconteceu, mas integrar o leitor para dentro da história. Usa técnicas narrativas, preocupa-se com a descrição de cenários, construção de personagens, ritmo de enredo. É através destas técnicas, que faz com que o leitor crie uma leitura envolvente, como se tratasse de um conto ou um romance. A diferença é que tudo continua a ser factual, baseado em investigação e entrevistas. É o jornalismo que se preocupa tanto com a verdade como com a experiência de leitura.

O novo jornalismo é um conceito mais amplo, que se assemelha com o narrativo, mas tem um peso histórico próprio. Tornou-se popular sobretudo nos anos 60 e 70, com autores como Truman Capote ou Tom Wolfe, que misturavam jornalismo com recursos da literatura. A ideia era clara, mostrar que o jornalismo podia ter qualidade estética, ritmo, beleza na escrita, sem deixar de ser fiel à realidade. Em Portugal, revistas como a Grande Reportagem tentaram manter essa direcção, com textos longos e detalhados, mas essencialmente com um nível de linguagem aprimorado.

Jornalismo Narrativo: Qual o papel deste género jornalístico em Portugal

Capítulo 1.3 - Características principais: profundidade, personagens, enredo, cenário e tempo narrativo

Qualquer que seja a narrativa, para que se torne envolvente é fundamental que determinados elementos estejam presentes de forma clara. Destacam-se a profundidade, as personagens, o enredo, o cenário e por último o tempo narrativo. A articulação entre eles faz com que se consiga desenvolver uma boa história.

A profundidade está relacionada com a capacidade de ir muito para além da superfície. Uma narrativa profunda não se limita a contar acontecimentos, faz com que o leitor reflita, de certa forma se sinta parte integrante da narrativa, e é esta densidade que altera uma história banal numa experiência enriquecedora e significativa.

As personagens são o “coração” da narrativa, porque têm a capacidade de envolver o leitor, de forma a sentir a maneira como respiram, sonham e evoluem ao longo da narrativa. Obviamente, que o leitor identifica-se muitas das vezes com as personagens, outras vezes descobre realidades totalmente distintas, mas sempre que a personagem é bem conseguida, faz com que o leitor fique com marcas na memória ao ler. Relativamente ao cenário, não é somente o espaço físico onde a ação decorre, mas o círculo que envolve as personagens. Tanto pode ser um lugar real como fictício, desde que tenha a capacidade de situar o leitor e dar autenticidade à história.

O enredo funciona como sequência da narrativa, ou seja, todo o processo que envolva os acontecimentos, os conflitos e soluções são a base para manter o interesse vivo. Este conceito serve para encadear as ações vividas por personagens, para que se crie um sentido para o público. Toda a narrativa é formada por uma sucessão de factos, sendo o enredo o responsável pela sua descrição. Por último, o tempo narrativo acrescenta uma grandeza essencial, pois é ele que organiza os acontecimentos e faz com que a sequência seja de fácil compreensão. Todos estes elementos, são essenciais para uma boa narrativa, juntos conferem estrutura e significado.

Jornalismo Narrativo: Qual o papel deste género jornalístico em Portugal

É na elaboração de como são usados estes fatores que se distingue uma história sem importância de uma obra que fica registrada na memória do leitor.

Capítulo 1.4 - A relevância do jornalismo contemporâneo: storytelling e novos formatos digitais

O jornalismo nos dias de hoje enfrenta um dos períodos mais desafiadores da sua história, a velocidade da informação, as várias plataformas disponíveis, a permanente disputa pela atenção do público obrigam a uma reformulação constante. Contudo, o storytelling e os novos formatos digitais notabilizam-se como ferramentas fulcrais para entregar ao jornalismo a sua matriz original, contar histórias que importam.

Para além da transmissão de factos o jornalismo contemporâneo tem como prioridade criar experiências narrativas, mesmo partindo do princípio que o storytelling sempre existiu de forma implícita no jornalismo, sendo que hoje assume um papel fundamental e estruturado.

Também os novos formatos digitais, como por exemplo os podcasts, vídeos interativos e reportagens multimédia, vieram de certa forma dar mais ênfase ao poder narrativo. Esta conjuntura de imagem, texto, som na mesma narrativa cria uma experiência imersiva para o público. De ressaltar que ao mesmo tempo, o público tem a possibilidade de consumir informação quando e como bem entender, algo impossível há algumas décadas.

O storytelling tem vindo a afirmar-se ao longo do tempo, também os hábitos de consumo já são como antes. As novas gerações não assistem ao telejornal da noite, uma vez que, preferem ver as notícias no telemóvel, através das redes sociais, de forma rápida e fragmentada. Percebe-se com estas novas realidades, o jornalismo enfrenta uma dupla responsabilidade, adaptar-se a estas ferramentas sem perder a credibilidade e a densidade.

Esta ligação entre jornalismo, storytelling e inovação digital, não é sinónimo de falta de rigor, bem pelo contrário, exige ainda mais empenho e cuidado, porque o poder da narrativa paralelamente com a responsabilidade ética de informar. O objetivo não é forçar ou manipular emoções, mas fazer com que o público se sinta mais próximo da realidade, fazendo com que os acontecimentos se tornem mais compreensíveis e memoráveis.

Outro aspeto importante, tem que ver com a integração de elementos multimédia. Por exemplo, se um artigo incluir gráficos interativos, de forma que possibilite ao público uma melhor compreensão ou até mesmo vídeos que dão voz aos protagonistas, perfaz que a história seja mais rica e criativa na forma como é estruturada. Cada formato responde a uma forma distinta de atenção, como o scroll rápido no Instagram ou mesmo a leitura prolongada num site de referência. Esta panóplia de elementos que hoje temos à nossa disposição mostra que o jornalismo deixou de ser um produto fechado, para se tornar um ecossistema narrativo.

Por tudo isto, falar sobre a relevância do jornalismo contemporâneo é o mesmo que assumirmos uma profissão em constante diálogo com a sociedade digital. Não chega só a informação que é transmitida, mas também na forma como constrói pontes de sentido num mundo fragmentado. E é fundamentalmente a capacidade de unir dados, emoções que faz do storytelling digital um trajeto linear no futuro da profissão.

Em Portugal, temos vários exemplos de como o jornalismo narrativo se tem adaptado à era digital. Um dos mais relevantes vem do Público, que tem apostado em reportagens multimédia, na combinação de texto, imagem, fotografia, etc. Trabalhos como “ As Novas Cartas Portuguesas – 40 anos depois”, que nos mostram de forma clara que a informação factual ganha uma outra clareza ou profundidade quando é apresentada através de narrativas visuais e interativas

Capítulo 1.5 - Limites e desafios: objetividade, ética, tempo de produção, viabilidade económica.

Apesar das suas potencialidades, o jornalismo narrativo enfrenta limites e desafios que não podem ser ignorados. A objetividade continua a ser uma exigência central: como contar histórias envolventes sem cair na tentação de dramatizar em excesso? A ética impõe-se em cada decisão, lembrando que por trás de uma narrativa há pessoas reais, com vidas que não podem ser reduzidas apenas a personagens.

Há ainda o tempo de produção, quase sempre escasso numa profissão pressionada pela velocidade do digital. Criar uma reportagem profunda exige disponibilidade, investigação e proximidade, algo difícil de conciliar com a lógica do imediato. Finalmente, a viabilidade económica surge como obstáculo: projetos narrativos mais longos e multimédia são dispendiosos, e nem sempre as redações têm recursos para os sustentar.

Mesmo assim, é nestas dificuldades que reside também a oportunidade de repensar o jornalismo. O desafio está em encontrar equilíbrio entre rigor e criatividade, rapidez e profundidade, impacto e responsabilidade.

Capítulo 1.6 - Referências e Autores: Tom Wolf, Gay Talese, Alexandra Lucas Coelho, Jon Lee Anderson e Kapka Kassabova

O jornalismo narrativo, muito embora seja apresentado como um género recente, tem raízes profundas na profissão. Nos Estados Unidos, o já referenciado New Journalism inovou a forma de contar histórias. Um dos seus expoentes são Tom Wolfe e Gay Talese, que de certo modo, romperam com um estilo de linguagem afastada do jornalismo clássico, de maneira que fosse adotada técnicas mais próximas da literatura.

Tom Wolf, apontado como o “pai” deste movimento, escreveu em *The New Journalism* (1973) que “ o jornalismo não precisa de se limitar a uma forma impessoal ; pode, e deve, usar as ferramentas da literatura para dar vida à realidade”. Na sua análise, considera que a descrição do ambiente, o uso de diálogos com extensão e alterar cenas eram fatores essenciais para que haja uma aproximação do leitor ao acontecimento.

Por sua vez, Gay Telese, identificou que na prática esta abordagem poderia mostrar dimensões distintas da realidade. Temos como exemplo, o icónico perfil de Frank Sinatra *Has a Cold* (1966), publicado na *Esquire*, em que retratou a vida do cantor sem necessidade de o entrevistar diretamente. Ele próprio escreveu : “Eu estava a escrever não apenas sobre Sinatra, mas sobre o mundo à sua volta”. Esta visão tornou-se uma referência do jornalismo narrativo, em que o olhar atento e o rigor nos detalhes substituem a pressa da notícia factual.

Em Portugal, Alexandra Lucas Coelho, autora de referência, distingue-se pela escrita que se situa no limiar da reportagem e da literatura. Nas suas obras e artigos, a jornalista ressalta a importância de imergir nos lugares e dar voz às pessoas comuns. Como ela própria afirmou numa entrevista: “ Um jornalista tem de estar disposto a sujar os pés de lama, a ouvir com atenção e a escrever com verdade”.

Este enlace com a proximidade e a empatia distingue de que maneira a sua obra, seja em contextos de guerra, seja em reportagens sobre a realidade portuguesa. Jon Lee Anderson, repórter da *New Yorker*, tornou-se uma referência no jornalismo narrativo ao unir investigação profunda com estilo literário. Em *Che Guevara: A Revolutionary Life* (1997), construiu uma biografia que se lê quase como um romance, mas sempre apoiada em pesquisa rigorosa, entrevistas e documentos inéditos. A sua escrita mostra como é possível contar a vida de uma figura histórica com densidade narrativa sem perder o compromisso jornalístico.

Kapka Kassabova, escritora e jornalista búlgaro-britânica, também se destacou pelo cruzamento entre reportagem, memória e literatura de viagem. Em *Border: A Journey to the Edge of Europe* (2017), explora as fronteiras entre Bulgária, Grécia e Turquia, combinando relatos pessoais, história oral e observação social. O resultado é um texto que amplia o jornalismo narrativo para o campo das identidades, deslocamentos e transformações culturais.

Cada um dos autores mencionados, trazem aspetos relevantes para que os seus trabalhos revelem que o jornalismo narrativo não é apenas uma técnica, mas uma forma de compreender o transmitir o mundo. Senão vejamos, Wolfe defendia a exuberância do detalhe e Talese a observava de forma muito subtil, já Alexandra Lucas Coelho acrescenta dimensão ética e humana, enaltecendo que cada narrativa jornalística envolve vidas reais e com isso responsabilidade e compromisso.

Em suma, num tempo em que a velocidade da informação e os formatos digitais cingem-se por textos curtos e fragmentados, este legado é mais pertinente do que nunca. O jornalismo narrativo lembra que “cada estatística tem um rosto” (Alexandra Lucas Coelho), e que a função de um jornalista é justamente essa, modificar o dado abstrato em experiência humana, para que este sentido haja uma ligação entre fatos, histórias e sentidos.

Jornalismo Narrativo: Qual o papel deste género jornalístico em Portugal

Capítulo 2 – Metodologia

Capítulo 2.1 -Tipo de investigação

Esta investigação centra-se “numa abordagem qualitativa de carácter exploratório” (Creswell, 2014; Denzin & Lincoln, 2011). A escolha por este tipo de investigação tem a ver com a questão principal, que procura compreender o papel do jornalismo narrativo na atualidade em Portugal. Mais do que transpor a realidade em dados estatísticos, o objetivo está em captar perspectivas de forma a explorar dimensões que muito dificilmente seriam apreendidas através de metodologias quantitativas.

Relativamente ao carácter exploratório justifica-se pela escassez de trabalhos académicos focados no jornalismo narrativo em Portugal. Com esta lacuna, ao invés de procurar confirmar hipóteses já estabelecidas, foi relevante o levantamento de questões e refletir sobre o potencial e limitações desta prática jornalística.

De forma a justificar esta escolha, optou-se pela realização de um entrevista semiestruturada, precisamente pela sua versatilidade. Este formato permite ao investigador uma linha orientadora, através de um guião pré-definido, embora salvaguardando a liberdade da entrevista para desenvolver as respostas de forma autónoma. Contudo, foi necessário aliar o rigor necessário a um trabalho académico com a autenticidade que advém de uma reflexão pessoal. “A entrevista , assim planejada, revelou-se uma ferramenta valiosa para que fosse possível recolher dados originais, diretamente a partir de um profissional da área, com bastante experiência (Kvale & Brinkmann, 2009; Patton, 2015).” Para além de conferir teoria com a prática, este método possibilitou uma visão mais profunda sobre o objeto de estudo, de forma a reforçar a pertinência da investigação, auxiliando para um nível de compreensão mais completa do fenómeno em análise.

Capítulo 2.2 – Justificação da metodologia

A metodologia assumida neste projeto teve como base perceber verdadeiramente o fenómeno do jornalismo narrativo, daí a relevância do testemunho de alguém que vive diariamente o jornalismo. Foi neste sentido que a entrevista a Marta Moreira se revelou a opção mais correta, para que os objetivos da investigação fossem assegurados de forma mais coerente e pertinente. Também importa ressaltar, a intencionalidade da entrevista escrita resultou de várias considerações práticas e metodológicas, permitindo que a jornalista tivesse tempo para refletir sobre as questões que foram propostas, oferecendo respostas mais detalhadas.

Assim, assegura-se maior fidelidade ao discurso da entrevistada, criando uma base sólida para a análise posterior. Ainda que Marta Moreira não trabalhe diretamente com jornalismo narrativo, o seu contributo mostrou-se fundamental. A distância em relação ao género, conjugada com a experiência internacional, tornou possível observar o jornalismo narrativo a partir de ângulos menos óbvios: não apenas como prática estética ou de estilo, mas também como desafio profissional e como resposta às exigências do público. Esta visão “lateral” acrescentou riqueza ao estudo, permitindo cruzar a teoria com a realidade vivida por uma profissional ativa no campo.

A entrevista, assim concebida, funcionou como uma ponte entre a investigação académica e a experiência profissional. O diálogo estabelecido trouxe à superfície reflexões que dificilmente seriam captadas apenas pela revisão de literatura ou pela análise de conteúdos.

Ao valorizar a subjetividade da jornalista, a forma como sente e interpreta a sua profissão, a metodologia adotada humanizou a investigação, aproximando-a do terreno e das pessoas que nele atuam. Resumindo, a escolha metodológica não deve ser justificada pela entrevista realizada, mas pela qualidade e pertinência do testemunho obtido.

O testemunho de Marta Moreira permitiu criar um espaço de reflexão que ultrapassa fronteiras, oferecendo à investigação um olhar crítico, sobre o jornalismo e sobre a importância da narrativa na forma como o mundo é contado.

Capítulo 2.3 – Descrição da entrevista

A entrevistada foi Marta Moreira, uma jornalista portuguesa com um percurso sólido em vários meios de comunicação. Hoje vive em Nova Iorque, onde acompanha de perto a atualidade como correspondente da Agência Lusa e também da SIC e SIC Notícias. Essa experiência internacional dá-lhe uma visão muito própria sobre o jornalismo e sobre os desafios de contar histórias a partir de um dos centros mais vibrantes do mundo.

A sua relevância para este estudo advém não só do seu trajeto profissional, mas também da capacidade de oferecer uma visão lateral sobre o jornalismo narrativo. Embora a jornalista não trabalhe diretamente com este género, a sua experiência permite refletir sobre a importância e os desafios da narrativa jornalística, tanto em Portugal como no estrangeiro.

A entrevista foi conduzida por escrito, a partir de um conjunto de questões elaboradas previamente em função dos objetivos da investigação. As respostas da jornalista permitiram estabelecer um diálogo entre a prática e a teoria, ampliando a compreensão do fenómeno em estudo e trazendo uma perspetiva mais rica e concreta para a análise.

Capítulo 2.4 – Guião de perguntas

A elaboração do guião de perguntas, é uma prática fundamental, ainda como tema deste trabalho é Jornalismo Narrativo, houve um cuidado em todas as questões para que a informação passada pela entrevistada identificasse aspetos fundamentais, como experiências para que a investigação conseguisse ir além da superfície de acontecimentos. As primeiras questões tiveram como objeto inicial contextualizar a entrevistada, de forma a constatar o seu percurso profissional e também o género de jornalismo que pratica atualmente.

As restantes perguntas incidiram no tema central, do jornalismo narrativo, muito embora, este género esteja fora da prática diária da jornalista, mesmo assim, foi notório, nas repostas conhecimento profundo sobre o tema.

O guião contemplou ainda questões sobre exemplos concretos de jornalismo narrativo que a tivessem marcado. Ao referir nomes como o New York Times, a entrevistada destacou a forma “fora da caixa” como são contadas histórias sobre guerras, lutas, deportações ou experiências quotidianas excepcionais. Estas perguntas permitiram compreender não apenas referências profissionais, mas também as preferências de estilo e formato, evidenciando como diferentes suportes, texto, vídeo ou podcasts, podem ser explorados para criar narrativas impactantes.

Outro bloco de questões explorou a percepção do espaço do jornalismo narrativo nas redações portuguesas e os desafios que enfrenta. As respostas evidenciaram limitações concretas, como recursos financeiros e humanos escassos, mas também mostraram abertura editorial para reportagens mais profundas. Esta parte do guião permitiu relacionar as práticas narrativas com barreiras estruturais, fornecendo elementos cruciais para análises críticas e sugestões para o setor.

O guião abordou igualmente o impacto do ritmo acelerado das notícias na produção de conteúdos narrativos. A entrevistada destacou que a pressão pela rapidez dificulta a elaboração de reportagens mais completas, reforçando a necessidade de tempo, liberdade editorial e recursos adequados. Este ponto permitiu captar não apenas opiniões, mas também as condições concretas que moldam o dia a dia dos jornalistas.

Outro tema explorado foi o papel do jornalista como contador de histórias. As perguntas focaram-se na capacidade do jornalista de ir além da mera transmissão de factos, tornando-se intérprete e narrador de experiências relevantes. Foram trazidos exemplos concretos, como a vivência de tribos amazónicas durante a COVID-19 ou jovens envolvidos em mercados de droga nos EUA, evidenciando como a narrativa acrescenta profundidade e dimensão aos acontecimentos.

O guião incluiu questões sobre os novos formatos digitais, como podcasts, vídeos longos e reportagens multimédia, e o seu potencial para abrir espaço ao jornalismo narrativo.

A entrevistada sublinhou que estes formatos permitem maior liberdade criativa e mais tempo para desenvolver as histórias, mas alertou para os riscos de diluição do jornalismo em conteúdos não jornalísticos. Estas respostas revelaram oportunidades e desafios claros na adoção de narrativas digitais, ligando o conceito de storytelling a estratégias concretas de publicação.

Por fim, a estrutura e a recolha de informação, guiou à reflexão sobre práticas jornalísticas, que permitiu confrontar a teoria com a experiência real e recolheu testemunhos detalhados que enriquecem o estudo. Mais do que uma lista de perguntas, funcionou como uma ponte entre investigação e prática profissional, garantindo que o trabalho se apoia em experiências vividas e concretas, conferindo-lhe maior profundidade e relevância. Para uma leitura completa da entrevista, remete-se o leitor aos Apêndices, onde está transcrita na totalidade.

Jornalismo Narrativo: Qual o papel deste género jornalístico em Portugal

Capítulo 3 - Análise e discussão de resultados

3.1 – Entrevista a Marta Moreira

Apesar da diversidade de meios em que trabalha, o seu dia a dia está fortemente condicionado pelas exigências de cada formato. Como explica, “o jornalismo de agência exige a redação de notícias com uma linguagem clara, objetiva e concisa, com regras que, neste caso, se baseiam no Livro de Estilo da Lusa.” Normalmente, escreve peças curtas, com cerca de três mil caracteres, embora ocasionalmente realiza reportagens mais longas quando o contexto o exige. Refere ainda que “faço frequentemente entrevistas, em formato de texto, vídeo e áudio.” Para a SIC, a sua atuação centra-se sobretudo na cobertura de direitos televisivos, que exigem uma preparação rápida e capacidade de síntese imediata.

Apesar de o jornalismo narrativo não integrar regularmente a sua prática profissional, Marta revela alguma familiaridade com o conceito, sobretudo como leitora. Ela afirma que “procuro esse tipo de textos quando quero encontrar uma maior profundidade e uma maior riqueza de detalhes em determinados assuntos/histórias.” Para Marta, este tipo de jornalismo permite explorar melhor o contexto, as pessoas envolvidas e os acontecimentos, aproximando-se do que autores como Tom Wolfe e Gay Talese descrevem: histórias que prendem o leitor através de enredos, personagens e ambiente, sem perder o rigor e a precisão dos fatos.

Embora não seja o estilo que pratique diariamente, Marta valoriza um jornalismo capaz de unir narrativa envolvente e exigência profissional, oferecendo assim uma leitura mais completa e humana da realidade.

A jornalista portuguesa, sobre jornalismo narrativo reconhece a força desse género e destaca exemplos internacionais que a marcaram. “Costumo acompanhar especialmente o material produzido pelo New York Times.

Aprecio a forma ‘fora da caixa’ como contam determinadas histórias, como por exemplo sobre famílias devastadas pela guerra, sobre luto, sobre deportações... sobre situações quotidianas, mas excepcionais”, sublinha.

Este testemunho vai ao encontro do que vários teóricos defendem: o jornalismo narrativo procura não apenas informar, mas envolver o leitor numa experiência que combina rigor factual com profundidade emocional. Ao contrário da notícia convencional, que privilegia a rapidez e a síntese, a narrativa jornalística valoriza o detalhe, o contexto e a humanidade das histórias.

Quando questionada sobre o espaço deste género em Portugal, a jornalista mostra-se otimista, ainda que realista quanto às limitações do setor. “Acredito que tenha espaço e que o digital seja a melhor forma para agora fazer esse tipo de jornalismo. No entanto, entendo que as redações da atualidade com todas as limitações que enfrentam (financeiras, de recursos humanos, entre outras) nem sempre têm os meios necessários para apostar nesse formato.”

Esta reflexão reforça uma ideia recorrente em vários estudos sobre jornalismo contemporâneo: o meio digital surge como território fértil para experimentações narrativas, mas as redações enfrentam constrangimentos que dificultam o investimento em projetos mais longos e aprofundados. Assim, o que se observa é uma tensão entre o potencial criativo do digital e a realidade económica das empresas jornalísticas.

A perspetiva da jornalista, portanto, ajuda a compreender o desafio central: há vontade e há público interessado em consumir narrativas jornalísticas mais densas, mas faltam condições estruturais para que esse trabalho se torne recorrente.

Tal como ela aponta, o digital poderá ser a saída mais viável para que histórias profundas e de relevo cheguem ao público, mesmo num contexto marcado pela velocidade e pela fragmentação da informação.

A jornalista Marta Moreira reconhece que o ritmo acelerado das redações tem impacto direto na forma como o jornalismo é produzido. “Hoje em dia há uma pressão constante para sermos os primeiros a dar uma notícia. Isso cria um ambiente competitivo e muito rápido, que acaba por afastar os formatos mais demorados e aprofundados, como o narrativo”, explica.

Para a jornalista, este tipo de conteúdo exige recursos cada vez mais escassos. “Uma reportagem narrativa precisa de tempo, dinheiro e pessoas dedicadas, e isso é precisamente o que tem vindo a faltar nas redações”, acrescenta. Ainda assim, Marta Moreira sublinha que sente abertura editorial para trabalhos mais longos sempre que apresenta propostas: “Na minha experiência, sempre que levo uma ideia de reportagem aprofundada, encontro disponibilidade para que seja realizada. Há interesse, mas a pressão do dia a dia acaba por não facilitar.”

Sobre a valorização do storytelling no jornalismo atual, a jornalista não tem dúvidas. “Acredito que o crescimento dos meios digitais trouxe uma maior atenção ao storytelling. Hoje, contar bem uma história é valorizado mesmo fora do género narrativo clássico”, afirma.

Segundo Marta Moreira, essa tendência reflete-se não só na prática jornalística, mas também na formação dos profissionais. “Tenho visto uma oferta crescente de cursos e formações em storytelling dirigidas a jornalistas, e noto que o mercado de trabalho olha para essas competências como uma mais-valia”, conclui.

Para Marta Moreira, o papel do profissional de comunicação vai muito além de simplesmente transmitir factos. Ela acredita que informar é apenas uma parte da função; um jornalista também deve interpretar a realidade e contar histórias que façam sentido, que iluminem o que muitas vezes fica escondido. “Um jornalista não pode ser apenas um pé de microfone”, afirma. É preciso olhar para além do imediato, contextualizar acontecimentos, perceber nuances e traduzir acontecimentos complexos em narrativas que toquem quem lê, vê ou ouve.

É essa capacidade de transformar informação em história que permite dar profundidade a temas que, de outra forma, poderiam passar despercebidos. Ao longo da sua carreira, ela teve a oportunidade de mergulhar em histórias de grande impacto humano. Contou, por exemplo, como tribos amazónicas enfrentaram os desafios da COVID-19, adaptando tradições milenares a um contexto inesperado e cheio de riscos. Reportou também sobre jovens que se viram envolvidos no maior mercado de drogas a céu aberto dos Estados Unidos, vidas marcadas por escolhas e circunstâncias que, muitas vezes, passam despercebidas nas estatísticas frias da sociedade. Para ela, se estas histórias não fossem contadas, a compreensão da realidade seria superficial, incapaz de transmitir as complexidades e os dramas que existem por detrás dos factos.

Nesse contexto, os novos formatos digitais surgem como aliados poderosos do jornalismo mais narrativo. Podcasts, vídeos longos ou reportagens multimédia permitem explorar temas com liberdade, dar tempo às histórias e envolver o público de maneira mais profunda.

Diferente da televisão e do rádio, onde cada segundo é medido e a urgência dita o ritmo, o digital oferece flexibilidade. O leitor ou ouvinte escolhe o ritmo, e o jornalista pode aprofundar, experimentar e criar pontes entre diferentes meios e linguagens. Além disso, os custos mais reduzidos e as possibilidades criativas ampliadas tornam o digital um espaço fértil para inovar na forma de contar histórias.

Contudo, a jornalista alerta para os desafios deste cenário. À medida que o jornalismo se mistura com conteúdos que não seguem rigor jornalístico, cresce o risco de desinformação e de perda de credibilidade para toda a classe. A linha entre entretenimento e informação torna-se tênue, e isso exige dos profissionais um cuidado redobrado, uma consciência ética e a responsabilidade de manter padrões elevados mesmo num espaço em que a atenção do público é disputada a cada clique.

Para Marta Moreira, o jornalismo narrativo representa uma oportunidade única para jornalistas que desejam ir além da simples transmissão de factos e mergulhar na profundidade das histórias humanas. Ela incentiva fortemente os estudantes e profissionais em início de carreira a explorar este caminho, afirmando que “vejo as especializações sempre como uma mais-valia”. Mesmo reconhecendo que o mercado pode parecer restrito ou saturado, Marta destaca que existe, de facto, espaço para o jornalismo narrativo, especialmente num mundo em que “informações falsas e rasas são produzidas e difundidas ao segundo”. Para ela, é justamente neste contexto que surge a necessidade de contar histórias verdadeiras, capazes de oferecer ao público uma visão mais completa e profunda da realidade, histórias que, de outro modo, poderiam permanecer invisíveis ou simplificadas.

No que diz respeito ao desenvolvimento do jornalismo narrativo em Portugal, Marta é otimista, mas também realista quanto às limitações atuais do setor. Ela reconhece que existe potencial, mas que este só poderá ser plenamente explorado se houver um compromisso sério com a formação contínua dos jornalistas e com o investimento nas redações. Segundo Marta, “para que os formatos narrativos ou de grande reportagem continuem a ser feitos, é necessário um investimento significativo, que permita às equipas sair para o terreno, viajar e investigar as histórias dignas de serem contadas”.

Essa abordagem exige tempo, recursos humanos e financeiros, elementos que nem sempre estão disponíveis nas redações portuguesas, marcadas por limitações estruturais e pressões de produtividade.

Esta abordagem, sublinha Marta, exige tempo, dedicação e meios adequados, tanto humanos como financeiros, recursos que, muitas vezes, são escassos nas redações portuguesas, onde se sente a pressão constante de produzir rapidamente notícias e cumprir metas apertadas. Para além dessas limitações, a jornalista realça que o jornalismo narrativo também pede coragem editorial e abertura para aceitar propostas que fogem do formato habitual. O papel do jornalista, defende, vai muito além de simplesmente relatar acontecimentos: é necessário interpretar, contextualizar e transformar os fatos em histórias que realmente façam sentido para o público.

Contar histórias com profundidade, acrescenta, não é apenas uma escolha estilística; é uma responsabilidade ética. Nas suas palavras, “histórias verdadeiras e profundas são essenciais para que o público compreenda melhor a complexidade do mundo que o rodeia”.

No fundo, Marta Moreira vê o jornalismo narrativo como uma ferramenta fundamental, tanto para a formação de novos profissionais como para reforçar o valor do jornalismo em Portugal.

O caminho, reconhece, não é fácil. Mas acredita que, com investimento em competências, criatividade e recursos, é possível garantir que estas histórias continuem a ser contadas, fortalecendo um jornalismo mais humano, completo e capaz de realmente tocar quem o lê ou vê.

Capítulo 3.2- Relação das respostas com enquadramento teórico

A entrevista com Marta Moreira permite que possamos entender de forma nítida a tensão permanente entre as exigências do jornalismo e a ambição de contar histórias com maior profundidade e rigor. Através das suas respostas, foi visível não apenas a experiência prática de quem trabalha em diferentes meios, mas também uma reflexão consciente sobre o lugar do jornalismo narrativo no contexto contemporâneo.

Por um lado, Marta mostra como a rotina profissional é moldada pelas exigências de rapidez, e também da objetividade. A lógica do jornalismo de agência e das transmissões em direto impõe textos curtos, linguagem concisa e capacidade de síntese. Esta realidade aproxima-se do que vários autores, como Gaye Tuchman ou Herbert Gans, descrevem como a função tradicional do jornalismo, garantir que a informação circule de forma rápida. No entanto, a própria jornalista reconhece que essa lógica, embora necessária, não consegue abarcar toda a complexidade dos acontecimentos. Daí a importância do jornalismo narrativo, que, segundo ela, oferece a possibilidade de aprofundar histórias, explorar contextos e dar voz às pessoas envolvidas.

Aqui, é possível estabelecer uma relação direta com os princípios do New Journalism de Tom Wolfe e Gay Talese, que defendiam justamente a fusão entre rigor factual e técnicas narrativas próprias da literatura. Marta reconhece-se sobretudo como leitora desse género, mas evidencia também a influência que ele exerce sobre a sua forma de pensar o jornalismo.

Ao referir exemplos do New York Times, salienta a capacidade destas narrativas em transformar temas duros — como guerra, luto ou deportações — em histórias que aproximam o público das realidades humanas por detrás dos factos. A sua visão confirma o que teóricos como Norman Sims defendem: o jornalismo narrativo não se limita a informar, procura envolver o leitor numa experiência imersiva, onde o detalhe, o ambiente e as personagens ganham centralidade.

Outro ponto importante levantado pela jornalista é o papel do digital. Marta reconhece o potencial criativo dos novos formatos, podcasts, vídeos longos, reportagens multimédia, como espaços de experimentação e liberdade. Esta perspetiva dialoga com estudos recentes que apontam para o meio digital como terreno fértil para revitalizar o jornalismo narrativo, oferecendo ao público um consumo mais flexível e ao jornalista a possibilidade de explorar linguagens híbridas.

Contudo, o seu testemunho é realista ao lembrar que, em Portugal, as redações enfrentam limitações financeiras e humanas que dificultam a aposta em trabalhos mais longos. Esta constatação vai ao encontro do que vários investigadores têm sublinhado: a tensão entre o potencial das plataformas digitais e os constrangimentos económicos que moldam a prática jornalística.

A sua análise sobre a pressão diária para publicar rapidamente reforça esta ideia. Marta sublinha que o jornalismo narrativo exige tempo, dedicação e investimento — precisamente o que mais escasseia nas redações atuais. Ainda assim, observa abertura editorial sempre que apresenta propostas mais aprofundadas, o que demonstra que existe espaço e interesse, ainda que condicionado. Este ponto reflete o dilema teórico identificado por Kovach e Rosenstiel: o jornalismo deve equilibrar a obrigação de ser imediato com a responsabilidade de ser significativo.

Por fim, a jornalista mostra como o storytelling tem vindo a ganhar relevância, mesmo fora do género narrativo clássico. A procura crescente por formações nesta área e a valorização do mercado de trabalho confirmam que contar bem uma história é uma competência essencial.

Esta constatação aproxima-se da visão de teóricos que defendem a centralidade da narrativa como forma de dar sentido ao excesso de informação da era digital.

Em síntese, a entrevista de Marta Moreira oferece um retrato vivo das tensões e possibilidades do jornalismo atual. Por um lado, revela as pressões de velocidade e síntese que dominam o cotidiano das redações; por outro, mostra a convicção de que o jornalismo narrativo continua a ser fundamental para oferecer ao público uma compreensão mais profunda da realidade. Ao relacionar a sua prática com exemplos internacionais e com as limitações do contexto português,

Marta ajuda a compreender como a teoria se cruza com a prática: entre o ideal de contar histórias ricas e humanas e a realidade de um setor pressionado por constrangimentos económicos e pela velocidade da informação.

Capítulo 3.3 – Observações sobre tendências e práticas atuais do jornalismo narrativo em Portugal

Em Portugal, o jornalismo narrativo ainda não ocupa o centro das redações, mas tem vindo a ganhar espaço pouco a pouco. A rotina diária continua marcada pela pressão das notícias rápidas e objetivas, mas nota-se cada vez mais uma procura por histórias que vão além do imediato.

Grande parte dessa mudança está a acontecer no digital. A internet abriu um leque de possibilidades que não existia no papel ou nos formatos tradicionais de rádio e televisão.

Reportagens multimédia, podcasts e narrativas longform começaram a surgir com mais frequência, permitindo que o jornalismo se aproxime das pessoas e conte histórias de forma mais envolvente.

Há uma maior liberdade para experimentar, e isso tem dado origem a trabalhos que combinam texto, fotografia, vídeo e som para criar narrativas mais completas.

Alguns exemplos ajudam a perceber esta tendência. A Revista 2, do jornal Público, continua a ser um espaço privilegiado para o jornalismo narrativo impresso, com peças longas que exploram os bastidores e as vozes que muitas vezes ficam de fora da atualidade. O Expresso também tem investido em especiais digitais, juntando diferentes formatos para criar experiências de leitura mais ricas. E depois há projetos independentes como o Fumaça, que se assumem quase por inteiro dentro desta lógica narrativa, com investigações em série que levam meses a ser preparadas e que mergulham a fundo em temas sociais e políticos.

Apesar destas iniciativas, o caminho não é fácil. Nas redações tradicionais, a pressão do tempo e a escassez de recursos acabam por dificultar a aposta em narrativas mais demoradas. Ainda assim, há sinais positivos: quando surgem temas de grande relevância social, há abertura para arriscar em peças mais extensas e humanizadas.

Também é interessante notar que se valoriza cada vez mais o papel do jornalista como contador de histórias. Já não basta relatar factos de forma neutra; espera-se que consiga dar contexto, interpretar e aproximar o leitor das realidades retratadas. Isso nota-se até na formação disponível, com mais cursos e workshops sobre storytelling aplicados ao jornalismo.

O grande desafio, claro, está em equilibrar rigor com criatividade. Contar histórias de forma apelativa não pode significar perder a objetividade ou cair no sensacionalismo. É preciso encontrar um ponto de equilíbrio que permita emocionar sem trair a essência jornalística.

No fundo, pode dizer-se que o jornalismo narrativo em Portugal está a dar passos seguros, ainda que pequenos. É sobretudo no digital e em projetos independentes que se arrisca mais, mas a tendência parece clara: num mundo onde as notícias são cada vez mais rápidas e descartáveis, o jornalismo que fica na memória é aquele que conta histórias com profundidade e humanidade.

Capítulo 3.4 – Papel e impacto social percebido

O jornalismo narrativo ocupa um lugar muito particular dentro do campo jornalístico. Não se limita a noticiar, procura dar corpo e voz às experiências humanas que tantas vezes passam despercebidas no ritmo apressado do dia a dia. O seu papel social está justamente nessa capacidade de revelar histórias que não cabem nos formatos curtos ou imediatistas, trazendo ao de cima dimensões mais íntimas, complexas e até contraditórias da realidade. Mais do que informar, estas narrativas aproximam o público das pessoas retratadas. Quem lê ou ouve sente que entra dentro da história, que acompanha de perto as dores, conquistas ou dificuldades de quem está no centro do relato. É aí que se percebe o impacto: cria-se uma ligação emocional que dificilmente se alcança apenas com números, estatísticas ou frases soltas.

Ao dar visibilidade a grupos que muitas vezes não têm espaço nos meios tradicionais, sejam comunidades marginalizadas, vítimas de conflitos ou pessoas comuns em circunstâncias extraordinárias, o jornalismo narrativo contribui para um olhar mais plural sobre a sociedade.

E esse gesto, aparentemente simples, tem consequências: desperta reflexão, gera empatia e pode até inspirar mudanças de atitude, quer no plano individual, quer no coletivo. Outro aspeto relevante é a durabilidade destas histórias. Ao contrário da notícia diária, que rapidamente é substituída pela próxima, uma reportagem ou narrativa bem construída tende a permanecer.

Torna-se uma referência, um ponto de partida para pensar de novo um problema social ou para revisitar um acontecimento com mais profundidade. Assim, o impacto social não se mede apenas no imediato, mas também no legado que deixa na memória de quem a lê.

Este impacto prolonga-se no tempo, porque narrativas bem construídas dificilmente se esgotam no momento em que são lidas ou vistas. Pelo contrário, deixam marcas, despertam questionamentos e permanecem na memória do público. É dessa permanência que nasce a sua verdadeira relevância social: a capacidade de transformar perceções, de lançar debates e de dar visibilidade a temas que, de outra forma, ficariam à margem.

No fundo, este género de jornalismo reforça a própria função do jornalismo enquanto serviço público. Num tempo marcado pela velocidade e pela superficialidade, lembrar que contar bem uma história continua a ser um ato de resistência é, por si só, um impacto social. O jornalismo narrativo cumpre esse papel: resgatar a importância de olhar devagar, de ouvir com atenção e de traduzir em palavras realidades que, de outro modo, ficariam na sombra

Capítulo 4 – O papel do jornalismo narrativo em Portugal atualmente

Falar de jornalismo narrativo é falar de pessoas. Não é apenas um debate académico ou uma questão estilística; é um olhar sobre a forma como contamos as histórias que definem o nosso tempo.

A síntese do trabalho revela algo simples e, ao mesmo tempo, profundo: o jornalismo narrativo existe porque existe uma necessidade humana de compreender a vida para além dos factos crus. Uma estatística pode dizer-nos quantos perderam o emprego num ano, mas só uma narrativa bem construída consegue mostrar-nos a emoção de quem viveu essa perda.

A realidade em que vivemos é, no entanto, um território difícil para este género. Nunca se produziu tanta informação como agora, mas paradoxalmente nunca se consumiu tão pouco com atenção. As redes sociais moldaram um ritmo em que tudo se resume a segundos: um título rápido, uma imagem que prende por instantes, um scroll que nunca acaba. É nesse ruído que o jornalismo narrativo se destaca, precisamente porque se atreve a ser o oposto: pede tempo, exige calma, convida o leitor a sentar-se e a entrar numa história. É quase um gesto de resistência, uma forma de dizer que compreender o mundo não pode ser apenas uma corrida de flashes.

O impacto social e cultural deste tipo de jornalismo é visível nas pequenas transformações que provoca. Uma reportagem narrativa pode fazer mais do que informar; pode despertar empatia, dar dignidade a quem nunca teve voz, criar memória coletiva. É através destas histórias que a sociedade se reconhece a si própria, que descobre as suas fragilidades e também as suas forças. Em Portugal, recordo reportagens que nos mostraram a vida dos pescadores que resistem na costa cada vez mais despovoada, ou o quotidiano dos profissionais de saúde durante os meses mais duros da pandemia.

Esses textos não eram apenas notícias: eram testemunhos, pedaços de humanidade guardados em palavras. Mas é precisamente em Portugal que se levantam obstáculos difíceis de ignorar. O jornalismo narrativo pede tempo de investigação, dias ou semanas de acompanhamento, espaço para escrever sem limites de caracteres. Ora, a realidade das redações portuguesas é marcada por orçamentos curtos, equipas reduzidas e um mercado que privilegia a rapidez. Muitos jornalistas vivem em precariedade, com salários baixos e prazos sufocantes. Como pedir-lhes que façam narrativas longas, se mal têm tempo para respirar entre notícias? A cultura de leitura no país também não ajuda: há quem diga que o leitor português é impaciente, que prefere o curto e direto ao longo e reflexivo. Mas essa ideia nem sempre corresponde à realidade. Quando surgem textos narrativos bem construídos, há leitores que ficam, que partilham, que agradecem ter encontrado um espaço para compreender melhor o mundo.

O futuro, apesar de incerto, guarda potencial. O digital, tantas vezes visto como ameaça, pode tornar-se aliado. Hoje já não falamos apenas de textos: falamos de narrativas que podem incluir fotografias de alta qualidade, áudios que nos fazem ouvir a voz dos protagonistas, vídeos que completam a cena descrita. Uma boa reportagem narrativa online pode ser uma experiência quase cinematográfica, sem perder a força da palavra escrita. E, paradoxalmente, à medida que nos cansamos da avalanche de notícias rápidas, cresce também a procura por histórias mais profundas, que explicam em vez de apenas anunciar.

No fim desta investigação, fica a convicção de que o jornalismo narrativo é mais do que uma técnica, é uma necessidade humana. Num tempo em que a informação se tornou abundante, mas muitas vezes superficial, contar histórias com profundidade e humanidade é uma forma de resistência e também de serviço público. Em Portugal, os desafios são reais, mas a oportunidade também o é. Cabe aos jornalistas e às redações perceber que não se trata apenas de escrever textos longos, mas de oferecer ao público uma forma de compreender melhor o mundo que habita. E talvez, ao humanizar os factos, o jornalismo narrativo consiga também humanizar-nos a todos um pouco mais.

Capítulo 5 – Conclusão

Chegar a esta fase do trabalho faz-me sentir como quem chega ao fim de uma longa caminhada. Não foi um percurso linear, nem sempre fácil, mas justamente por isso se tornou mais rico. Houve momentos em que avancei com confiança, como se cada descoberta confirmasse que estava no caminho certo.

Outros em que hesitei, duvidando das escolhas, do método, até do próprio tema. E muitos em que precisei de voltar atrás, rever conceitos, procurar novas referências e abrir outras portas para seguir adiante. Esse movimento de avanços e recuos acabou por ser, em si mesmo, uma aprendizagem: mostrou-me que a investigação não é uma linha reta, mas um processo vivo, feito de incertezas, revisões e persistência. Entre leituras intensas, dúvidas persistentes, tentativas falhadas e descobertas inesperadas, fui percebendo que este percurso não se resumia apenas a cumprir um objetivo académico.

Acabou por ser também uma experiência pessoal e transformadora, que me ensinou a olhar para o jornalismo — e até para a forma como nós contamos uns aos outros — com outros olhos. Se no início acreditava que o jornalismo narrativo era apenas um estilo de escrita mais apelativo, hoje vejo que é muito mais do que isso. É quase uma atitude perante os acontecimentos e perante as pessoas, uma forma de se colocar diante do mundo com atenção e respeito. Escrever narrativamente não é apenas organizar palavras de forma bonita ou emotiva: é, antes, assumir uma posição de escuta, de empatia e de cuidado. É dar tempo às histórias, é deixar que as vozes menos ouvidas encontrem lugar e ressoem no espaço público.

Talvez a maior revelação tenha sido esta: escrever narrativamente é, no fundo, dar dignidade às vozes que tantas vezes passam despercebidas, resgatar aquilo que a velocidade e a superficialidade da informação tendem a apagar.

O mais marcante neste percurso foi perceber como a narrativa transforma a forma como nos relacionamos com as notícias. Uma coisa é ler um título rápido, um parágrafo seco, e esquecer quase de imediato o que se leu. Outra, bem diferente, é ser transportado para dentro da experiência, sentir quase o cheiro de uma rua, ouvir a voz de quem viveu aquilo, reconhecer a humanidade na história alheia. É essa diferença entre “saber” e “sentir” que me ficou gravada e que, de certa forma, atravessa toda esta investigação. Saber dá-nos informação, mas sentir dá-nos sentido. E é justamente nessa fronteira que encontro a resposta à pergunta que guiou o meu trabalho: a narrativa não é um adorno, um detalhe estético, mas a chave para devolver profundidade e relevância à informação.

Num tempo em que tudo corre depressa, em que a notícia de hoje já está velha amanhã, o jornalismo narrativo revela-se como um antídoto contra a pressa. Não resolve, por si só, todos os problemas do jornalismo contemporâneo, mas oferece uma possibilidade rara: a de abrandar, de olhar com mais atenção, de devolver às histórias a sua espessura. O público, muitas vezes sem o formular claramente, procura precisamente isso — relatos que não sejam descartáveis, mas que fiquem na memória, que ajudem a compreender melhor o mundo e a situar-se nele. Há uma sede de sentido que não se sacia com fragmentos, mas com narrativas que tocam e permanecem.

Claro que esta viagem também me mostrou os limites do próprio estudo. Fiquei muitas vezes com vontade de entrevistar jornalistas, de estar nas redações, de observar, na prática, como se negocia diariamente o equilíbrio entre rigor e emoção. Essa parte não consegui concretizar. Também teria sido fascinante recolher testemunhos de leitores, perceber diretamente como reagem às narrativas, o que sentem diante de um texto que não apenas informa, mas os envolve. Reconheço que essas lacunas deixaram perguntas em aberto. Mas talvez seja precisamente esse o sinal de que a investigação foi frutífera: abriu mais caminhos do que fechou, despertou novas inquietações e apontou para a necessidade de outros olhares e estudos.

Quando penso no futuro, vejo um campo vasto e cheio de possibilidades. O jornalismo narrativo não se limita ao papel tradicional, mas encontra terreno fértil nas plataformas digitais, nos podcasts, nas reportagens multimédia, em formatos híbridos que combinam texto, som e imagem. Nunca houve tantas ferramentas para contar histórias de forma envolvente.

Contudo, para que isso aconteça de forma consistente, não basta a tecnologia: é necessária também uma mudança de mentalidade. Nas universidades, para que os futuros jornalistas sejam formados com essa sensibilidade narrativa; nas redações, para que haja espaço e tempo para a escuta e para a construção paciente das histórias; e até nos próprios leitores, que precisam de reaprender a dedicar tempo a uma boa narrativa, cultivando um consumo mais atento e menos apressado.

Se tivesse de deixar um ponto de partida para quem quiser continuar este caminho, diria que é essencial reconhecer o jornalismo narrativo não como uma exceção, mas como uma prática legítima e necessária. Investigar como os jornalistas o integram no quotidiano, ouvir os leitores, explorar como diferentes culturas o acolhem, perceber que impacto real produz na sociedade - tudo isto são pistas que merecem ser aprofundadas. O tema não se esgota aqui; pelo contrário, abre-se como um campo de investigação e experimentação em constante expansão.

No fim, o que levo desta caminhada é uma convicção simples e profunda: contar histórias é aquilo que nos torna humanos. Sempre o fizemos, desde os tempos em que nos reunimos em volta do fogo até às conversas que hoje atravessam as redes sociais. O jornalismo narrativo não inventa nada de novo; apenas recorda a essência mais antiga da comunicação.

Lembra-nos que informar não basta: é preciso também ligar, emocionar, dar sentido. E talvez seja precisamente aí, nessa capacidade de unir informação e humanidade, que o jornalismo reencontre a sua razão de ser e a sua relevância no mundo contemporâneo.

Referências bibliográficas

Talese, G. (1966). Frank Sinatra has a cold. Esquire Magazine. Recuperado de <https://classic.esquire.com/frank-sinatra-has-a-cold>

Wolfe, T. (1973). The New Journalism. New York: Harper & Row.

Lucas Coelho, A. (2012). Tahrir: Os dias da revolução. Lisboa: Tinta-da China.

Lucas Coelho, A. (2016). Deus-dará. Lisboa: Companhia das Letras.

Entrevista de Alexandra Lucas Coelho (2017). “Um jornalista tem de estar disposto a sujar os pés de lama”. Jornal Público. Recuperado de <https://www.publico.pt/>

Creswell, J. W. (2014). Research design: Qualitative, quantitative, and mixed methods approaches (4th ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (2011). The SAGE handbook of qualitative research. Sage.

Kvale, S., & Brinkmann, S. (2009). Interviews: Learning the craft of qualitative research interviewing. Sage.

Patton, M. Q. (2015). Qualitative research & evaluation methods (4th ed.). Sage.

Apêndices

1. Podes falar-me um pouco sobre o tipo de jornalismo que faz atualmente e os formatos com que mais trabalha?

Neste momento, trabalho como correspondente em Nova Iorque para uma agência de notícias (agência Lusa) e para um canal de televisão (SIC/SIC Notícias). Esporadicamente colaboro também com uma rádio. Contudo, apesar desta multiplicidade de meios e formatos, o tipo de jornalismo que pratico diariamente está condicionado por vários fatores.

O jornalismo de agência exige a redação de notícias com uma linguagem clara, objetiva e concisa, com regras que - neste caso - se baseiam no Livro de Estilo da Lusa. Escrevo, maioritariamente, peças curtas, com cerca de 3 mil caracteres, mas também reportagens mais longas, quando o evento/acontecimento assim o justifica. Também faço frequentemente entrevistas, em formato de texto, vídeo e áudio.

Já para a SIC, trabalho essencialmente com direitos televisivos.

2. Mesmo não sendo o género de jornalismo que praticas, sentes-te familiarizada com

O conceito de jornalismo narrativo? O que lhe vem à mente quando ouve essa expressão?

Não é um tipo de jornalismo que pratico regularmente, mas estou minimamente familiarizada, especialmente como leitora. Procuo esse tipo de texto quando quero encontrar uma maior profundidade e uma maior riqueza de detalhes em determinados assuntos/histórias.

3. Já leste ou viste algum exemplo de jornalismo narrativo que a tenha marcado — em

texto, vídeo ou podcast? Sim, costumo acompanhar especialmente o material produzido pelo jornal New York Times. Aprecio a forma “fora da caixa” como contam determinadas histórias, como - por exemplo - sobre famílias devastadas pela guerra, sobre luto, sobre deportações...sobre situações quotidianas, mas excepcionais.

4. Na tua perspetiva, esse tipo de jornalismo tem espaço nas redações portuguesas?

Porquê? Acredito que tenha espaço e que o digital seja a melhor forma para agora fazer esse tipo de jornalismo. No entanto, entendo que as redações da atualidade -com todas as limitações que enfrentam (financeiras, de recursos humanos, entre outras)- nem sempre têm os meios necessários para apostar nesse formato.

5. Acha que o ritmo acelerado das notícias dificulta a produção de conteúdos mais aprofundados e narrativos?

Sim, acredito que dificulta, porque os jornalistas enfrentam uma pressão constante para serem os mais rápidos a dar determinada notícia, entrando num ritmo acelerado e competitivo que acaba por resultar no afastamento dos formatos mais aprofundados, como o narrativo. Os conteúdos mais aprofundados e narrativos requerem tempo, dinheiro e recursos humanos - tudo o que vai faltando nas redações. Contudo, a título pessoal, noto que sempre que apresento uma proposta de reportagem mais aprofundada, há abertura editorial para que seja realizada.

6. Consideras que há uma valorização do storytelling (contar histórias) no jornalismo atual, mesmo fora do género narrativo?

Sim, considero que o crescimento dos meios digitais veio elevar a valorização do storytelling. Tenho notado uma maior disponibilização de formações de storytelling para jornalistas, assim como a valorização dessas mesmas formações no mercado de trabalho.

7. Que papel acredita que o jornalista deve ter: mero transmissor de factos ou também intérprete e contador de histórias?

Acredito que um jornalista tem de ser também um intérprete e um contador de histórias, além obviamente- de um transmissor de factos. Um jornalista não pode ser um “pé de microfone”. Tem de informar, tem de contextualizar, tem de interpretar e tem (ou deve) contar histórias de relevo que, de outra forma, ficariam no breu.

Ao longo do meu percurso fui tendo a oportunidade de contar várias histórias, desde a forma como tribos amazónicas brasileiras enfrentaram a COVID-19 até como vários jovens se “perderam” no maior mercado de drogas a céu aberto dos EUA. Sinto que se essas histórias não fossem contadas, o assunto perderia a profundidade necessária.

8. Na tua opinião, os novos formatos digitais — como podcasts, vídeos longos ou reportagens multimédia — abrem portas a estilos mais narrativos?

Sem dúvida. Os tempos em televisão e rádio são muitos caros e são contados ao segundo. Por isso, os estilos mais narrativos têm perdido espaço nesses meios e migrado para os digitais, onde o tempo/ritmo pode ser controlado pelo próprio leitor e onde as despesas de produção são menores.

Além disso, os formatos digitais oferecem múltiplas possibilidades do ponto de vista criativo. Contudo, por outro lado, o jornalismo no meio digital é cada vez mais confundido com conteúdos não jornalísticos, uma situação que inevitavelmente trará consequências para toda a classe jornalística e para o jornalismo.

9. O que dirias a um estudante interessado em experimentar ou seguir pelo caminho do jornalismo narrativo?

Incentivaria. Vejo as especializações sempre como uma mais-valia. Apesar de o mercado parecer pequeno e saturado, acredito que há espaço para esse tipo de jornalismo. Num mundo em que informações falsas e rasas são produzidas e difundidas ao segundo, considero que paralelamente há espaço e necessidade de se contar histórias verdadeiras e profundas.

10. Vês potencial para que o jornalismo narrativo se desenvolva em Portugal? Em que condições isso poderia acontecer?

Existe potencial, mas o jornalismo enfrenta um momento de crise generalizada. Para que os formatos narrativos ou de grande reportagem continuem a ser feitos é necessária uma formação contínua dos jornalistas e um investimento significativo nas redações, incluindo um investimento financeiro que permita que as equipas saiam para o terreno e tenham as condições para viajar, explorar e investigar as histórias dignas de serem contadas. Sem esse investimento e sem uma valorização desses formatos, será difícil esse desenvolvimento.